

A imigração chinesa em Aracaju: percursos e discursos de uma presença em construção

Allisson Gomes dos Santos Goes¹

Resumo

O presente trabalho é parte de uma investigação que teve como problema de pesquisa a produção da presença chinesa a partir do campo econômico na cidade de Aracaju. Este texto tem por objetivo analisar os discursos e percursos que estão relacionados à presença chinesa na cidade de Aracaju, especialmente no campo econômico, com o auxílio da noção de processos identitários. A partir de fontes documentais, entrevistas semiestruturadas e da observação direta, concluiu-se que a presença chinesa é construída a partir da percepção e representação dos atores sociais nos embates do campo econômico. O “ser chinês” é construído por meio de autonomações e heteronomações, um jogo no qual os chineses se nomeiam e são nomeados.

Palavras-chave: Imigração Chinesa; Processos Identitários; Campo Econômico; Aracaju.

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa “Processos Identitários e Poder” (GEPPIP/Cnpq/UFS). Instrutor de Formação Profissional I no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/SE). E-mail: allissongoes@gmail.com

Chinese immigration in Aracaju: life paths and discourses of a presence in construction

Abstract

This paper is part of an investigation that had as research problem the production of the chinese presence from the economic field in the city of Aracaju. This text aims to analyze the life paths and discourses that are related to the chinese presence in the city of Aracaju, especially in the economic field, with the support of the notion of identity processes. From documentary sources, semi-structured interviews and direct observation, it was concluded that the chinese presence is built from the perception and representation of social actors in the field of economic disputes. "Being chinese" is constructed by appointing himself and the appointment of other no-chinese, a game in which the chinese appointed themselves and are appointed.

Keywords: Chinese Immigration; Identity Processes; Economic field; Aracaju.

Introdução

Os registros sobre a presença chinesa no Brasil remontam ao século XIX e à tentativa de fazer prosperar a cultura do chá encabeçada por D. João VI (CHANG-SHENG, 2009). Mas, é na contemporaneidade e a partir da inserção da China no circuito global de produção e distribuição de mercadorias que este trabalho se concentra. O presente artigo foi elaborado a partir da pesquisa sobre a produção da presença chinesa na cidade de Aracaju a partir do campo econômico, particularmente no subcampo de comércio de produtos importados e alimentação (GOES, 2013).

Parto, portanto, da premissa segundo a qual a presença chinesa não é um dado objetivo materializada, por exemplo, nos letreiros com grafia oriental ou pessoas com os “olhos puxados”. Ao contrário, a presença chinesa é uma construção tanto simbólica quanto material a partir da percepção e representação dos atores sociais com os quais se relacionam. Sob a ótica do “campo” de Bourdieu (2007), os atores sociais – chineses, brasileiros, o Estado, a imprensa – estão imersos numa luta que também é simbólica e material e, a partir dela, é que esta presença se constrói.

Procurei reconstruir a produção da presença chinesa em Aracaju como expressão de processos identitários. Assim, procurei compreender as conexões entre cultura e poder, pertencimento e alteridade. Além disso, priorizei a análise dos atores sociais em relação, normas ou regras que orientam as relações desses atores, os bens em disputa, elementos que matizam o contexto social estudado.

Este texto tem por objetivo analisar os discursos e percursos que produzem a presença chinesa na cidade de Aracaju, especialmente no campo econômico. Os discursos são caminhos que levaram a visualizar as construções identitárias, das autonomações e heteronomeações sobre o que é ser chinês, caracterizadas por tensões, conflitos e disputas por bens materiais e simbólicos. Para tal, utilizei fontes documentais (jornais), entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observação direta.

O presente artigo está dividido em quatro partes. A primeira parte aborda a imigração no Brasil e no mundo e também os percursos migratórios dos imigrantes chineses em Aracaju e como eles definem a cidade como lugar de imigração e reimigração. A segunda tem como origem as seguintes perguntas: o que os brasileiros pensavam sobre os chineses? O que os chineses pensavam sobre eles? E o que os chineses pensavam sobre o que os brasileiros pensavam deles? Dessa maneira, problematizei as autonomações e heteronomeações como elementos do jogo identitário e na construção dessa presença. Na sequência explorei a produ-

ção da presença chinesa na cidade como uma produção simbólica e também material a partir dos discursos dos atores sociais. A quarta e última parte traz os sentidos de “ser chinês” em Aracaju, sentidos estes construídos do ponto de vista de quem se nomeia e de quem nomeia.

De forma sucinta, pode-se concluir que do ponto de vista dos processos identitários não há somente um sentido de ser chinês. Ser chinês é construído por meio das autoneameações e heteroneameações, um jogo de poder no qual os chineses se nomeiam e são nomeados. Os brasileiros dizem o que eles são e eles, num movimento de contra nomeação resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico. Por fim, a presença chinesa é produzida nas oposições (positivo-negativo) fruto das perturbações que uma presença estrangeira causa, principalmente, no campo econômico.

Percursos migratórios: entre imigração e reemigração

Atualmente, os fluxos migratórios contemporâneos estão mais diversificados quando comparados com os que ocorreram nos séculos XIX e XX. As crises econômicas que atingiram alguns países permitiram o redirecionamento do fluxo migratório para aqueles que parecem estar mais estáveis economicamente e apresentando maiores chances de êxito econômico para os que migram (CASTLES & MILLER, 2004). A Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima um contingente de 3,1% de pessoas vivendo fora do seu lugar de origem, ou seja, pouco mais de 213 milhões de pessoas. Além disso, para comprovar a diversidade atual dos fluxos, em seu último relatório, a Organização aponta quatro direções para as migrações atuais: norte-norte; norte-sul; sul-sul; sul-norte (OIM, 2013).

Os fluxos migratórios contemporâneos para o Brasil têm se projetado não só nas regiões como sul e sudeste, mas em todo o

país, incluindo nas fronteiras com outros países sul-americanos e cidades localizadas no nordeste do país (SILVA, M., 2008). São pessoas dispostas a mudarem de vida, fugindo da escassez material, das crises econômicas, das guerras ou instabilidades políticas. É uma pluralidade de motivações, além da pluralidade de nacionalidades.

Muitos exemplos demonstram que o Brasil tem voltado ao cenário das imigrações contemporâneas. Os árabes que têm chegado tempos recentes veem o país como lugar de refúgio, numa fuga da perseguição e das guerras, além do desmantelo econômico em suas regiões de origem. Ainda temos imigrantes congolezes, cabo-verdianos e haitianos que buscam refugio e oportunidades de trabalho (PETRUS; FRANCALINO, 2010; HIRSCH, 2010). Por outro lado, há alguns anos parte dos brasileiros emigrados tem retornado ao país devido às mudanças econômicas recentes dentro e fora do Brasil (BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2015).

Nos contornos contemporâneos da imigração chinesa, os Estados Unidos tem mantido seu protagonismo como afirma Zhou (2009). Somente entre 2000 e 2006 imigraram mais de 400 mil chineses. Esse fluxo contínuo se materializa nas *chinatowns* e no que a autora chama de *ethnoburbs*, os subúrbios étnicos chineses de classe média.

Portugal e Espanha também experimentaram um crescimento acentuado da imigração chinesa. Portugal viu seu contingente de imigrantes chineses crescer em 476% entre 1995 e 2007 (SANTOS, 2011). Na Espanha, segundo Lopez, as lojas de “*todo a cien*” e os restaurantes chineses se espalham por muitas cidades (LOPEZ, 2005).

Não só a Europa e os Estados Unidos têm recebido fluxos migratórios de chineses. A migração regional também tem crescido e os chineses continuam sendo um dos maiores e mais influentes grupos imigrantes na região do pacífico. Singapura, Japão, su-

deste da Rússia e Austrália, na Oceania, tem recebido grandes contingentes de chineses. A África é um continente que tem se destacado nesse novo contexto migratório de chineses, pois, o continente tem sido um importante parceiro comercial da China, fornece terras cultiváveis, cada vez mais escassas no país devido a urbanização acentuada, o que permite uma maior aproximação e a entrada dos imigrantes chineses e suas mercadorias (SKELDON, 2011).

No Brasil, o estado de São Paulo ainda é o maior receptor de imigrantes e o preferido por parte dos chineses, embora outros estados e cidades brasileiras tenham surgido como opções num mundo cada vez mais globalizado. A capital paulista concentra 90% de toda a população chinesa do país estimada em 200 mil pessoas. O alto número de indocumentados e a adoção de outras nacionalidades no processo migratório são fatores que dificultam uma estimativa mais precisa (VÉRAS, 2008, p. 129). Essas questões não são encontradas somente na bibliografia, no trabalho de campo encontrei situações semelhantes quanto ao registro dos chineses e a admissão de nacionalidades como a coreana por motivos que não puderam ser elucidados.

Tal como os casos acima, os imigrantes chineses em Aracaju não podem ser tomados como dado. Não é o simples ato de migrar que constitui o problema sociológico da imigração, isto é, a presença dos chineses em Aracaju é produzida por meio dos discursos e das relações entre chineses e brasileiros, no caso em estudo, no campo econômico.

Os chineses migraram para Aracaju na última década² e encontrar àqueles que têm uma experiência migratória (pessoal e familiar) considerável não foi difícil. Aqueles com quem conversei apontaram para percursos espaciais e sociais migratórios razo-

² Em visita à Delegacia de Imigração da Polícia Federal fui informado que havia 63 chineses registrados e que esse número não passava de 10 chineses uma década atrás.

avelmente longos. Trazer à tona a questão dos percursos sejam estes longos ou curtos nos ajudam a entender qual a contribuição deles para a inserção dos chineses no campo econômico.

Aracaju se apresenta como lugar de imigração para os chineses que estão na China, mas também, parte dos chineses confere à cidade um lugar de reimigração, pois, partiram de outros estados brasileiros subsidiados pelos contatos que já estavam estabelecidos na capital sergipana. O senhor Chanli, dono de uma movimentada pastelaria, esteve em muitas outras cidades até aportar em Aracaju com toda a família (JORNAL DA CIDADE, 2011).

Na verdade, o que se vê em Aracaju é uma composição dos itinerários migratórios que perpassam tanto a imigração quanto a reimigração e que estão associadas quase sempre a questão das oportunidades e a viabilidade do projeto migratório. Tanto os mais antigos, quanto os mais novos na cidade, vislumbraram a oportunidade de emigração e de inserção nas atividades comerciais por meio de contatos preestabelecidos.

Outro apontamento que precisa ser considerado – à luz dos percursos migratórios e a partir dos dados obtidos com as incursões a campo – diz respeito a denominação de “etnia comerciante” conferida por alguns estudos aos chineses, fazendo um paralelo com outras etnias, como por exemplo, sírios e libaneses (ARAÚJO, 2010). Alguns chineses em Aracaju tornaram-se comerciantes ao emigrar para o Brasil, pois, na China estavam inseridos em outras atividades econômicas.

Sendo assim, o que me interessa quando abordo a questão dos chineses como sendo uma etnia comerciante é que muitos dos que estão em Aracaju tornaram-se comerciantes no percurso migratório, ou seja, o comércio é visto como uma questão de oportunidade econômica a ser explorada via redes familiares ou de amizade, mas também é uma das fontes de produção da imigração chinesa em Aracaju. Outrossim, a circunstância favorável,

onde se tem a China como grande emissora de produtos industrializados, também contribui para que muitos deles tornem-se comerciantes. A referência ao adjetivo “etnia comerciante” emergiu para que se destacasse o papel que o percurso migratório cumpre na constituição de um imigrante chinês comerciante, em que, as reemigrações podem ser fator decisivo nesta constituição, uma vez que os contatos e a troca de experiências direcionam o caminho que deve ser percorrido.

O que motiva uma farmacêutica ou um estudante universitário chinês a tornar-se comerciante? Converter-se em comerciante ou mudar deste para aquele tipo de atividade está diretamente relacionado com as oportunidades que surgem nas idas e vindas do percurso migratório.

As questões de imigração e reemigração são inerentes aos percursos migratórios e perpassam os diversos estudos sobre a temática. Cada vez mais se fala em migrações, já que, encaramos a migração não somente como um movimento, mas, como um processo e, como processo, tem-se um círculo que nunca se fecha. O migrante sente que está aqui e lá ao mesmo tempo, assim, faz parte de algo inacabado. As redes de solidariedade constituídas entre eles proveem, muitas vezes, a viagem, o estabelecimento na terra de imigração e os contatos para inserção econômica. Tal como no passado, ainda hoje, as redes cumprem um importante papel no estudo dos fluxos migratórios, dos quais, imigrar e reemigrar tornam-se partes importantes.

Por fim, à medida que os percursos migratórios, materializados na imigração e na reemigração, colocam novos atores nos contextos sociais, econômicos e políticos das comunidades de destino, estes novos atores juntamente com os que fazem parte das comunidades de destinos constroem o ser imigrante e sua presença por meio das múltiplas representações e discursos presentes no jogo de poder do mundo social.

“Coreano, chinês ou japonês?": autonomações e heteronomeações

Os discursos e representações dos brasileiros sobre os chineses, e também dos chineses sobre eles próprios e sobre o que eles acham que os brasileiros pensam sobre eles, são identificados a partir dos percursos migratórios (imigração e reimigração) dos chineses em Aracaju. Dessa maneira, a presença chinesa se constrói também num jogo de autonomações e heteronomeações que inclui uma percepção nem sempre precisa de quem são os imigrantes, como mostra a pergunta contida neste subtítulo.

Andar pelas ruas do centro de Aracaju e conversar com algum transeunte ou comerciante foi necessário para termos a ideia das noções que circulam nesta parte da cidade sobre o imigrante e comerciante chinês. É claro que há muitas nomeações e também parte delas está na imprensa escrita ou falada que muitas vezes noticiam o avanço do número de estabelecimentos comerciais conduzidos por chineses ou mesmo a também crescente legalização de imigrantes desta nacionalidade.

O contato com o mundo empírico suscitou a busca dessas nomeações, pois, muitas das falas dos entrevistados me despertaram para entender o porquê de os chineses não serem vistos como tais e como eles são vistos hoje pelos brasileiros (trabalhadores, empresários e consumidores). Acreditava que a “confusão” nas nomeações não estava somente na “semelhança” – como diziam alguns – física e cultural dos chineses com outros grupos orientais, mas na dificuldade de reconhecer o “outro” nestas nomeações, “o que demonstra que nas relações identitárias o outro é muitas vezes opaco e homogêneo” (ENNES, 2011, p. 12).

As nomeações e classificações no mundo social são necessárias à emergência dos processos identitários, pois, a construção de uma imagem de si e dos outros só é possível através dos conflitos e disputas que permeiam as relações entre os atores sociais

(WOODWARD, 2008). Seja na fala dos atores envolvidos nas interações e que estão em disputa ou mesmo na imprensa e no senso comum, as nomeações estão presentes e, o fato de os chineses terem um fenótipo e uma cultura distintos dos brasileiros, estas nomeações são muitas vezes povoadas de exotismos. Não se deve deixar de lado todas as imagens “negativas”, construídas a partir e na relação que os chineses mantêm com a sociedade de imigração. Elas mesmas nos ajudam a entender quais fatores estão envolvidos nas construções identitárias a partir da presença daqueles que são chamados de “diferentes”.

A questão da identidade, para Cuche, “é sempre uma concessão, uma negociação entre uma ‘auto-identidade’ definida por si mesmo e uma ‘hetero-identidade’ ou uma ‘exo-identidade’, definida pelos outros” (CUCHE, 1997, p. 184). Portanto, identidade e presença chinesas vão sendo construídas num jogo identitário, simbólico e material, a partir de dois discursos: o de nomear-se e de ser nomeado.

Num passado próximo, talvez há cinco ou seis anos, era comum cruzar com homens e mulheres “orientais” nas calçadas das ruas do centro de Aracaju e uma delas era a calçada do Grande Hotel que reunia algumas pessoas identificadas como “coreanas”³ e que vendiam produtos importados, especialmente mercadorias replicadas de marcas famosas. Nas incursões que fiz durante o trabalho de campo não encontrei as pessoas apontadas como “coreanas” nas calçadas do centro de Aracaju e as calçadas do Grande Hotel foram ocupadas por brasileiros que comercializavam perfumes, calçados, roupas e relógios. Não obstante, essa imagem dos “coreanos” que revendiam mercadorias ainda povoava o imaginário das pessoas com quem cruzei. Assim, é possível encontrar certas nomeações relacionadas aos chineses no cam-

³ Segundo dados da Superintendência Federal em Sergipe havia somente 06 coreanos registrados na cidade de Aracaju em 2011 e a maioria tem em seus respectivos registros a referência a província de Fujian, localizada no sudeste da China. Dessa forma, não é possível determinar com precisão se os comerciantes de calçada eram de fato coreanos ou chineses.

po econômico de Aracaju que estão diretamente ligadas com os comerciantes “coreanos” do passado.

Essas lembranças não muito distantes fazem com que parte dos comerciantes chineses seja associada aos “coreanos” das calçadas do Grande Hotel, sendo assim, muito se ouve sobre a prosperidade dos “coreanos” que montaram suas próprias lojas e agora não ficam mais nas calçadas. Em conversas informais era possível notar que a questão aparecia na fala das pessoas com um tom de admiração por causa da “rápida” ascensão econômica desse grupo. Todavia, não é possível afirmar com certeza que os comerciantes que revendiam mercadorias nas calçadas eram de fato coreanos e nem que estes possíveis coreanos prosperaram e constituíram negócios mais estabelecidos.

As nomeações também perpassaram as características fenotípicas e culturais, ou seja, os traços físicos podem determinar como estas nomeações aparecerem nos discursos. Algumas vezes foi colocado pelos clientes sobre a origem dos comerciantes “coreana, chinesa ou japonesa” e esta indagação está diretamente relacionada aos traços físicos dos comerciantes.

Mas, a questão dos traços físicos orientais apontados pelos brasileiros demonstra uma outra perspectiva de análise, a de que o imigrante chinês é um estranho. Bauman também aponta o medo e a estranheza causados pela presença do estrangeiro e do imigrante na cidade (BAUMAN, 2009). Acrescento que, diferenças mais ou menos concretas, como é o caso do fenótipo ou mesmo do idioma, são vistos como padrões distintivos que podem causar uma aversão ao imigrante e construir uma presença negativa e marginalizada. Em Aracaju, os chineses eram apontados pelos brasileiros como “feios”, “estranhos” e “mal-humorados”, dentro desta lógica da identificação da diferença fenotípica.

Seguindo os passos das heteronomeações, encontrei alguns estabelecimentos chineses na Rua Santo Amaro, também no cen-

tro de Aracaju. O que tornou a caminhada interessante foi me deparar com diferentes e outras nomeações a partir de um outro modo de inserção econômica (não mais aquele comerciante de calçada, o ambulante) mais consolidada. Os traços físicos ainda balizavam essas outras nomeações e por isso encontrei nas falas adjetivos como “japas” e “chineses” para designar os comerciantes chineses da Rua Santo Amaro, aqueles que também são associados ao êxito econômico dos “coreanos” das calçadas do Grande Hotel. A primeira relação é feita sobre o prisma do fenótipo, como já aponte, por isto a categoria japonês ou “japa” esteve presente em algumas conversas informais. É claro que há diferenças físicas e culturais entre os vários povos orientais e até mesmo entre os próprios chineses devido a grande extensão territorial da China, mas “os olhos puxados” era o traço mais recorrente nas falas.

Por outro lado, presenciei momentos em que a autonegação teve papel central nos discursos e uma tentativa de se diferenciar dos brasileiros e de outros imigrantes. Essa é também uma forma de dizer o que é ser chinês em Aracaju. Na pastelaria de Sara, presenciei um diálogo entre ela e um cliente que perguntava se ela seria japonesa ou coreana. Ela, de forma rápida e enfática, disse que era chinesa e ele acrescentou que os chineses tinham problemas históricos com os japoneses e, mais uma vez ela disse: “Eu sou chinesa, se tiver um japonês eu falo com ele. Não tenho raiva”. São formas de autonegarem-se e de escapar das heteronomeações, muito embora a questão da desigualdade e da força que os chineses têm de impor sua forma de nomear-se fosse menor; portanto, prevaleciam as heteronomeações que os enquadravam em estereótipos que, para eles, não os representavam.

É certo que todas essas nomeações precisam ser problematizadas, pois, existe a dimensão conflitual do processo de construção identitária. Não estou tomando os dados das falas dos agentes da pesquisa como verdade, seria incorrer no erro para o qual Bourdieu (2007) nos alerta, o perigo da sociologia espontânea

que tanto combateu. A questão de buscar as nomeações/classificações é trazer as múltiplas visões que os entrevistados têm uns dos outros, buscando a dimensão conflitual que envolve o ato de nomear e classificar.

Os atos de nomeação/classificação são próprios da produção identitária e perpassam pelas autonomeações e heteronomeações. Buscamos dizer quem somos e, ao mesmo tempo, os outros também dizem quem somos. Recebemos as heteronomeações, nos apropriamos delas ou mesmo ressignificamos como forma de resistência ao poder que os “outros” têm de nos nomear. Ainda cabe dizer que a autonomeação ou a heteronomeação “terá maior ou menor legitimidade” dependendo do contexto social em que as lutas sociais (simbólicas ou materiais) são travadas e da posição em que os atores sociais ocupam (CUCHE, 1997, p. 185). No caso particular dos chineses, as heteronomeações têm mais força porque os brasileiros ainda ocupam as posições mais fortes no campo econômico, incluindo os papéis de fiscalizador e regulador deste campo.

A produção da presença chinesa no campo econômico de Aracaju

O fenômeno da imigração chinesa para Aracaju é recente⁴. Em termos gerais não possui uma extensão pouco maior do que dez anos. Porém, falar acerca da imigração chinesa recente, não só para Aracaju como para o Brasil e o resto do mundo, é necessário discutir sua inserção econômica, pois, ela se mostra como uma das forças primordiais na origem dos fluxos. Todavia, o campo econômico mostra-se apenas como um recorte da dimensão dessa presença, mas é um “lugar” a ser explorado e que revela outras faces da imigração chinesa.

⁴ Ver nota de rodapé número 2.

As incursões a campo e também as reportagens jornalistas apresentaram vários aspectos sobre a presença crescente dos imigrantes chineses nos negócios em Aracaju. Frases como “Eles estão dominando tudo” (Marcos, comerciante brasileiro) não eram raras e expressavam um espanto face a novidade e extensão da presença chinesa no comércio popular de Aracaju. Em outras ocasiões a fala demonstrava uma hostilidade porque os comerciantes brasileiros se sentiam em desvantagem neste jogo de forças (Maria, sócia-administradora de uma loja de produtos importados). O significado sociológico dessa situação pode melhor ser visualizado com o emprego da noção de campo.

Para Bourdieu, o campo é um espaço de relações sociais materializadas nas disputas por um determinado capital material ou simbólico por determinados agentes sociais (BOURDIEU, 2007). Mais precisamente, o campo econômico “se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual” (BOURDIEU, 2005, p. 22), porém, as trocas nunca são completamente econômicas, pois, até mesmo estas trocas dentro do campo econômico são produtos de relações sociais.

Outro fato importante é que no campo econômico não estamos lidando com a decisão de um único agente, por exemplo, a decisão dos chineses de se estabelecerem em Aracaju para lograrem sucesso, entre outras coisas. Na verdade o campo econômico toma forma a partir dos vários agentes que se encontram nele: chineses, brasileiros (empresários, consumidores), órgãos do governo e associações empresariais, que estruturam o campo, ou seja, que criam um espaço de disputas (BOURDIEU, 2005).

O modo de inserção dos chineses no campo econômico em Aracaju é semelhante se comparado com outras cidades brasileiras e de outros países. Na escolha do local de estabelecimento o que pesa, sobretudo, é a presença de público ou consumidores que

possam consumir seus produtos, àqueles que são específicos de seus negócios.

Falar em inserção chinesa no campo econômico nos remete ao comércio de produtos importados, restaurantes e pastelarias, estes são os principais negócios constituídos e todos aparentemente legalizados por se tratar de estabelecimentos fixos e de fácil fiscalização pelos órgãos governamentais que cuidam da área econômica. Além disso, as remessas de mercadorias são feitas com um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) próprio e em nome de um proprietário chinês, visto que a legislação brasileira permite que imigrantes possuam negócios próprios, mas passíveis de fiscalização como qualquer outro estabelecimento. Isso não quer dizer que não haja condutas ditas “ilícitas” e o medo de conversar com um pesquisador materializado na negação do pedido de entrevista pode estar relacionado à presença destas condutas.

Na cidade de Aracaju os chineses estão presentes em atividades econômicas na área circunscrita ao centro de comércio popular (Figura 01) onde circula uma grande quantidade de pessoas diariamente, atraídas principalmente pelo comércio popular. Além do comércio popular, o centro concentra alguns órgãos dos governos estadual e municipal, serviços médicos e é também palco de manifestações culturais e de trabalhadores, aumentando a circulação de pessoas por suas ruas. Portanto, é estratégico instalar seus negócios onde estão os seus clientes, aqueles que consomem os produtos denominados por alguns entrevistados durante o trabalho de campo de “xing-ling”. Essa opção não é exclusividade dos chineses em Aracaju. Em cidades como o Rio de Janeiro eles também ocuparam áreas centrais que até então eram ocupadas por outras etnias comerciantes (judeus e árabes) e passaram a disputá-las com estas outras etnias (ARAÚJO, 2010). Na Espanha, López (2005), ao abordar a inserção chinesa nas áreas das cidades, faz um balanço de como o comércio étnico chinês transformou-se em nicho étnico em pouco mais de vinte

anos⁵, o que pode estar ocorrendo em Aracaju, por exemplo, no comércio de produtos importados à medida que os imigrantes chineses têm se tornado atacadistas/fornecedores destes produtos.



Figura 01 – Estabelecimentos comerciais de chineses no centro comercial de Aracaju/SE

Elaborado por Jadson Santos (2012) – Fonte: Google Maps.

⁵ Segundo López (2005), a diferença entre comércio étnico e nicho étnico é que o primeiro concentra comerciantes que vendem suas mercadorias para os próprios imigrantes e o segundo ocorre quando determinada etnia controla um número significativo de estabelecimentos e mão de obra.

O trabalho de campo também identificou o discurso da contra-venção que envolve a construção da presença chinesa em Aracaju. Esse lado contraventor do chinês aparece numa entrevista feita com um representante da Associação Comercial e Empresarial de Sergipe (ACESE)⁶. Em vários momentos da entrevista, o senhor Jorge, um dos dirigentes da instituição, se mostrou firme em sua posição de que há uma condição de ilegalidade na presença chinesa, no relacionamento entre eles e que os comerciantes chineses não cumpriam a legislação fiscal e trabalhista, desta forma, prosperavam facilmente e obtinham maiores lucros.

Nesse ponto, os embates começaram a tomar forma em minha pesquisa no campo econômico, pois, meu interlocutor e representante desta associação é também comerciante de produtos importados e muitos dos seus fornecedores são imigrantes chineses da capital paulista. Apesar de conhecer seus fornecedores ele conta que muitas vezes são oferecidas formas de burlar a legislação fiscal, tais como a não emissão de nota fiscal ou o subfaturamento das mercadorias. Se a fala era ou não verdadeira, não era o que importava, mas dentro do embate simbólico e material, ela fazia parte do jogo de forças entre os agentes do campo econômico.

Quando perguntei sobre a posição da associação com relação à presença dos chineses em Aracaju, o senhor Jorge misturava uma posição individual e institucional:

Eu vejo neles (nos chineses) um problema porque eles não... Geralmente eles vêm através de **alguma pessoa que está por trás deles**, ou seja, eles têm alguém que seja da China ou que seja de São Paulo ou dos grandes centros que estão financiando eles, né? Botam os seus comércios de forma relativamente, não vou dizer clandestina, mas que eles têm

⁶ A Associação Comercial e Empresarial de Sergipe é uma entidade de filiação voluntária que reúne empresários e comerciantes de diversos setores, inclusive profissionais liberais.

um modo de trabalhar que não é cem por cento legal, eles utilizam muito ainda da questão do subfaturamento das suas mercadorias, então a gente pode dizer que eles não recolhem todos os seus impostos. Geralmente eles pouco empregam pessoas daqui, porque eles trabalham geralmente com a família e na maioria das vezes estas pessoas não são registradas, eles não **têm esse ônus das obrigações sociais que uma empresa normal aqui no Brasil tem** (Jorge, membro da diretoria da Associação Comercial e Empresarial de Sergipe).

As partes em destaque apontam para uma visão ilícita que se tem da imigração chinesa e do estabelecimento de negócios no Brasil. Na primeira parte em destaque é possível extrair da fala uma ideia de rede ilegal constituída pelos chineses, na qual, algumas vezes aqueles que são “financiados” não trabalham para si próprios e sim para outro chinês que o financiou. Isso também foi apontado em outro momento da entrevista com o senhor Jorge. Ele acreditava que muitos dos chineses que possuem lojas de importados são empregados de outro chinês que está na China ou em outra parte do mundo.

É um conflito que permeia os discursos e centra-se na oposição entre legalidade e ilegalidade dos negócios que têm por proprietários os imigrantes chineses na cidade de Aracaju, além do *modus operandi* que os imigrantes se utilizam para se estabelecer no campo econômico. É na contradição presente nos discursos que percebemos o quanto os conflitos – estes não podendo se desvincular dos processos identitários – são importantes para compreender a estrutura do campo e os agentes que o compõe.

Os chineses em Aracaju, embora estejam cercados por vários companheiros de mesma nacionalidade, seus estabelecimentos e a lógica dos negócios são também extracomunitários, ou seja, comercializam produtos importados e alimentos para os brasileiros. Mas, um dos estabelecimentos, neste caso, o restaurante do jovem Hu, serve parcialmente aos propósitos do comércio ét-

nico. Nesse restaurante, muitos chineses encontravam-se, conversavam em mandarim ou outro dialeto, degustavam alguns alimentos que só poderiam ser encontrados na terra natal e compartilhavam risos e experiências do cotidiano. A hora do almoço transformava-se em hora de encontros.

Sobre a dominação chinesa apontada pelos comerciantes brasileiros, é preciso colocar que muitos chineses se tornaram atacadistas, como já apontei anteriormente, fornecendo suas mercadorias para lojistas e vendedores ambulantes brasileiros. Isso já demonstrava uma movimentação no campo econômico, ou seja, se os imigrantes chineses estão se tornando atacadistas/fornecedores de mercadorias significa que eles estão alcançando posições melhores, principalmente no subcampo do comércio de importados.

Por fim, coloco que a produção da presença chinesa no campo econômico de Aracaju se constitui como elemento novo. Sendo assim, já é possível observar que as relações de forças comecem a ser alteradas em favor dos comerciantes chineses. Como o campo é um espaço de disputas no qual os agentes concorrem por recursos materiais e simbólicos, a todo o momento, chineses e brasileiros buscam o capital econômico e se utilizam, também, de estratégias discursivas para conseguir as melhores posições.

Os sentidos de “ser chinês” em Aracaju

Como trabalho com a perspectiva dos processos identitários, não posso deixar de mencionar a perspectiva dialógica que envolve o “ser chinês” ou o “fazer-se chinês” em Aracaju. Assim, querer ser e tornar-se, se constrói também no diálogo, nos discursos dos atores sociais, tanto dos chineses como dos não-chineses, neste caso, os brasileiros. Não há um único sentido de ser chinês em Aracaju, pois, como já apontei há autonomações e heteronomeações, prevalecendo aquela de quem melhor está posicionado no jogo de forças.

Este último tópico é uma tentativa de apresentar essas visões a partir das falas dos entrevistados e das observações feitas no trabalho de campo tendo como base a interação entre os atores sociais, objetos da nossa pesquisa. Porém, de um lado há uma diversidade de discursos sobre ser chinês, por outro, quando se fala em chinês, embora cada um dos brasileiros tenha uma visão diferente, eles sabem do que se está falando. Existe uma identificação de quem são, embora existam várias visões, ou seja, os chineses não passam despercebidos em meio à heterogeneidade de discursos.

Quando se pensa e se falava em “chinês” na grande maioria de vezes se aciona uma homogeneidade para falar sobre quem são e de onde são, todavia, não foi isto que encontramos nas conversas que mantivemos com eles, embora, o “fazer-se” se mostrava presente constantemente. Queria saber o que eles pensavam sobre quem eram numa terra que talvez não fosse a sua, com pessoas que não compartilhavam dos mesmos costumes que os seus.

Quando perguntei a Sara o que fazia ela se sentir chinesa em Aracaju ela respondeu: “Eu ligo para os meus parentes nas festas da China, sempre falo com outros chineses quando passo na rua, mas eles são de lugares diferentes. Me sinto brasileira só no documento”. A condição de provisoriedade talvez seja o que levou Sara a falar dessa forma. Em muitos pontos da entrevista ela me contou que quer voltar para lá, que sente saudades da China “porque lá tudo é diferente”. Sayad (1998) aponta o estado provisório do imigrante que vai se prolongando, porém, algumas vezes o imigrante não se dá conta que o provisório vai se tornando definitivo. Sara diz que quer voltar, mas em outros momentos ela também coloca que “se é pra ficar, vou ficar”. Esse é um contraponto, pois, as conexões com a terra de origem são cada vez mais intensas devido aos avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e transporte e os imigrantes estão cada vez mais conectados com seus familiares e com seu lugar de emigração, assim, o estado definitivo pode ser aceito com mais facilidade ante as facilidades de comunicação e deslocamento.

Estas facilidades foram apontadas por Hu quando fiz a mesma pergunta: “Agora tem avião, a gente vai passar as festas lá na China, a gente sempre vai na China”, ou seja, há uma conexão com o aqui e o lá, talvez muito mais forte do que em outras épocas em que a terra natal só permanecia na lembrança. Algumas vezes presenciei conversas de jovens chineses em mensageiros eletrônicos (Skype) no horário de trabalho enquanto atendiam os clientes. Em outros casos, mesmo aqueles que comercializam produtos importados, compravam alimentos para o consumo entre a família/amigos. A dieta alimentar brasileira era sempre uma dificuldade apontada por eles. Essas eram tentativas de transportar a terra natal para o lugar que se acredita ser provisório.

Bruno, embora seja de Pequim, aponta outros chineses como sendo seus amigos. Quando conversei com ele pela primeira vez, ele estava no restaurante de Hu, ambos almoçando, porém, ao longo do trabalho de campo percebi que Bruno e Hu eram amigos mais próximos, sendo Bruno mais antigo em Aracaju e Hu de uma região diferente, Xangai. Diante disso, perguntei a Bruno sobre o que fazia ele se sentir chinês: “Quando eu converso com meus irmãos me sinto chinês”. Há duas coisas para se extrair da fala de Bruno. A primeira é a presença de um reconhecimento de que eles são iguais (irmãos) na cidade, ou seja, apesar das diferenças regionais eles são todos chineses. A segunda questão é quando a língua se torna um agregador, um fio que conduz a unidade, assim, se falam a mesma língua e se entendem, são todos chineses. Porém, entra uma terceira questão como apêndice, se Bruno se sentia chinês quando fala com os “irmãos” é porque a diferença entre eles e os brasileiros são evidenciadas de alguma forma. A língua pode funcionar como marcador da diferença que o torna chinês ante a sociedade de imigração, ou seja, sou chinês porque falo mandarim, portanto, diferente dos brasileiros que falam português.

Essa é apenas uma face, um dos discursos dos chineses em Aracaju. Há ainda o discurso de que ser chinês também é ser

brasileiro. Fizemos essa mesma pergunta ao senhor Chao, um senhor de 76 anos e que está em Aracaju há mais de vinte anos. Ele me deu a seguinte resposta: “Se to no Brasil sou brasileiro e se to na China sou chinês, sou do lado que for. Eu vivo os dois porque a origem a gente nunca esquece”. Existe na fala do senhor Chao um fator importante, seu maior tempo de permanência no Brasil, fato incomum entre os imigrantes chineses que estudei. Esse tempo considerável aponta para uma redefinição de ser chinês, uma hibridização ante o binômio lugar de emigração e lugar de imigração. Seu estado aparentava ser mais definitivo, permitindo que alguns atributos de sua identidade chinesa fossem negociados em favor de uma identidade híbrida, hifenizada.

Em contraponto aos discursos dos chineses estão os discursos dos brasileiros, atores sociais que são parte integrante das construções identitárias. Existem vários discursos e eles estão relacionados com a posição que os agentes ocupam neste campo da produção identitária. Nas entrevistas com os brasileiros não encontrei unanimidade sobre a questão da presença chinesa e quem os chineses são. Os agentes têm discursos e posições divergentes, embora algumas heteronomeações predominem devido a maior força dos agentes que as constroem. Essa força está relacionada às melhores posições no campo de forças, como por exemplo, os brasileiros que são fiscalizadores, legisladores e executores das leis e normas comerciais, bem como aqueles que estão nas entidades comerciais de representação, nas quais não se têm a presença do imigrante chinês.

Além de observar a posição em que os brasileiros ocupam para compreender os discursos, é preciso abordar o grau em que eles são “afetados” pela presença dos chineses na perspectiva do comércio, por exemplo, se os brasileiros ouvidos comercializavam produtos idênticos ao segmento dos chineses ou se eles têm outros tipos de mercadorias; se eles compravam em Aracaju ou em capitais como São Paulo e Salvador.

A senhora Maria definia os chineses como pessoas aventureiras. A loja de Maria, uma grande loja de produtos importados, estava localizada em frente a algumas lojas chinesas, ou seja, além de seu discurso de comerciante, pelo qual os chineses são pessoas fechadas e volúveis (em outra parte da entrevista ela conta que eles não têm lugar fixo), seu discurso é mais enfático por estar próxima deles e por serem seus concorrentes. Interessante notar que o adjetivo “aventureiro” é enfatizado e carrega uma conotação negativa para defini-los ante a tensão que se instala entre brasileiros e chineses.

Mas, algumas visões sobre quem é o imigrante e o chinês escapavam as formas prevalecentes, como a que encontrei numa loja de importados localizada embaixo do antigo Hotel Palace. Nesse trecho há alguns estabelecimentos chineses, entre eles a pastelaria do senhor Chanli. Na loja entrevistamos a proprietária, Dalva, que respondeu prontamente meus questionamentos sem se incomodar com a temática, algo incomum entre os meus interlocutores. Dalva disse que já viveu uma experiência parecida em São Paulo e em Aracaju:

Os chineses são pessoas trabalhadoras, muito corretas, cumprem suas obrigações enquanto comerciantes, pagam impostos, registram seus funcionários, não atrasam salários. É uma inovação. Eles trazem novidades, trazem mercadorias diretamente da China e se o Brasil não tem inovação, os próprios chineses trazem da China para o Brasil e para Aracaju (Dalva, proprietária de uma loja de produtos importados).

Essa é uma visão de que o imigrante e particularmente o chinês seria modernizador, partindo do ponto de vista do circuito global de mercadorias, já que eles traziam “novidades” para Aracaju e ajudavam a inovar o comércio.

Mesmo comprando dos atacadistas chineses, Dalva disse que achava os preços justos e queria que outros imigrantes viessem

para Aracaju, assim, a cidade seria como São Paulo, onde ela morou e trabalhou. Para afirmar isso ela usa a geração de emprego e renda como sendo um benefício da presença dos imigrantes e especificamente chinesa na capital sergipana. Sua posição, como já afirmei, destoa de outros brasileiros, mas serve para demonstrar que não há uma visão somente sobre o que é ser chinês partindo do ponto de vista da heteronomeação, tal como Cuche (1997) apresenta.

Por fim, coloco que nessa relação dialógica que evidenciam os sentidos de ser chinês em Aracaju, na perspectiva de ambos os lados, chineses e brasileiros, existem disputas e tensões que fazem emergir os processos identitários e construir uma presença. Woodward (2008) apontou de maneira semelhante como os sérvios e croatas na antiga Iugoslávia se reconheceram como diferentes, com ajuda de marcadores materiais e simbólicos, a partir das disputas ocasionadas pela guerra.

Considerações finais

O Brasil volta à cena das migrações internacionais com a presença de novos e antigos grupos imigrantes e Aracaju também se insere neste contexto atual da imigração a partir do aumento do número de imigrantes e dos negócios chineses na cidade, ainda que não seja com a mesma força presente em outros estados brasileiros.

O campo econômico foi o ponto de partida para a construção do terreno desta pesquisa, porém, ele não se esgota em si mesmo. O espaço social, que é o espaço das relações, tem sua origem no cruzamento dos diversos campos, todavia, é próprio dos campos, conseqüentemente do campo econômico, a existência de disputas e tensões a partir de uma busca pelo poder e controle dos recursos materiais e simbólicos, que também darão o controle do campo. Sendo os imigrantes chineses um novo elemento

no cenário social da cidade e principalmente no campo econômico, sua inserção provoca embates pelas posições associadas à obtenção da vanguarda deste campo, ou melhor, dos subcampos que eles estão inseridos: comércio de produtos importados e alimentação. Desse ponto, parte a ideia de uma presença chinesa, construída nesses embates e como expressão dos processos identitários.

A presença chinesa vai sendo produzida nas oposições (negativo-positivo) fruto das perturbações que uma presença estrangeira pode causar. O medo da “dominação” chinesa e o sentimento da perda de espaço no campo costumam uma presença polarizada entre os entrevistados. Se de um lado temos a identificação da presença chinesa com base na negatividade e na perda do controle sobre alguns ramos do comércio, como o de alimentação e produtos importados, por outro se observou que a presença chinesa também está assentada na ideia de modernização e novidade.

A produção identitária chinesa em Aracaju pode ser entendida a partir dos discursos dos chineses e brasileiros. As relações dialógicas presentes nos processos identitários permitem considerar que não há somente um sentido de ser chinês, mas vários sentidos. Ser chinês é construído por meio das autonomações e heteronomeações, um jogo no qual os chineses são nomeados e também se nomeiam. Os brasileiros dizem o que eles são e eles num movimento de contra nomeação resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico.

Nos encontros, nas ajudas aos “irmãos” e nas redes de solidariedade constituídas, os chineses se sentem em Aracaju como tais, um movimento de construção, pois, aqueles com quem conversei são de regiões com dialetos diferentes e até costumes disparres. Fora da China, ou seja, em Aracaju, as relações intragrupo concebem esse sentimento de pertença que fornecem elementos para a construção de ser chinês.

Para estudos futuros seria interessante observar com mais precisão as mudanças no campo econômico e a inserção desses imigrantes e de seus descendentes em outros campos sociais. Como sinalizou um dos chineses entrevistados, ele servia como uma espécie de interprete e contato para os chineses que estão chegando, o que pode ser um indício de uma tímida organização.

Referências

ARAÚJO, Marcelo Silva. **Chineses no Rio de Janeiro: notas sobre nação, território e identidade através da prática comercial e religiosa**. Cadernos do CEOM, Chapecó, n. 32, p. 221-240, 2010. Disponível em: <<http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/77>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOTEGA, Tuíla; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu (Orgs.). **Migrações Internacionais de Retorno no Brasil. Brasília: Relatório**, 2015. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/obmigra/home.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico**. Revista Política & Sociedade, Florianópolis, n. 06, p. 15-57, 2005. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Bordieu_O-campo-econ%C3%B4mico.pdf> Acesso em: 17 fev. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.

CHANG-SHENG, Shu. **Imigrantes e Imigração Chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990)**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Rio de Janeiro, n. 07, 2009. Disponível em:<http://www.temppresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4679:imigrantes-e-imigracao-chinesa-no-rio-de-janeiro-1910-1990&catid=42&Itemid=127> Acesso em: 03 abr. 2012.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Ed. EDUSC, 1997.

ENNES, Marcelo Alario. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

ENNES, Marcelo Alario. Imigração japonesa e produção de “entre-lugares”: uma contribuição para o debate sobre identidades. XXVI SIMPÓSIO DA SOCIEDADE NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, **Anais...** Disponível em: < http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299685478_ARQUIVO_nipobrasileiroseentrelugares.pdf> Acesso em: 14 mai. 2012.

GOES, Allisson Gomes dos Santos. **Processos identitários e a produção da presença chinesa em Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe, 2013

HIRSCH, Olivia. De mestiços a negros e africanos: processos de (re)construção de identidades de um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et. al.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2010.

JORNAL DA CIDADE. Chineses toma comércio de Aracaju. Disponível em: <<http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=74545>>. Acesso em: 06 mar. 2012.

LOPEZ, Amelia Sáiz. **La migración china em España: características generales**. Revista Cidob d'Àfers Internacionals, n. 68, p. 151-163, 2005.

PEIXOTO, João. **Teorias explicativas das migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas**. SOCIUS Working Papers, n. 11, p.01-36, 2004.

PETRUS, Regina; FRANCALINO, João Henrique. Refugiados congolese no Rio de Janeiro: afirmações e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et. al.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2010.

SANTOS, Tânia Rita Silva dos. **A comunidade chinesa em Portugal: Factores de risco, factores protetores e rede social**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia), Universidade de Lisboa, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Ed. Edusp, 1998.

SILVA, Sidney Antonio. **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, n. 57, p. 157-170, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-401420060002&script=sci-issuetoc>>. Acesso em: 23.fev.2012

SILVA, Marcos de Araújo. **Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco**. 2008. 189f. Dissertação (Mestrado em Antropolo-

gia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Sidney Antonio. **Faces da Latinidade Hispano-Americano em São Paulo**. Textos NEPO, Campinas, n. 55, p. 09-61, 2008.

VÉRAS, Daniel Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2008.

ZHOU, Min. **Contemporary Chinese America: Immigration, Ethnicity, and Community Transformation**. Philadelphia: Temple University Press, 2009.

Recepção dos artigos: 30/06/2015

Data de aprovação 30/07/2015